

Cédula ilustrada com mico causa constrangimento

BRASÍLIA – O desenho do mico-leão dourado impresso na nova cédula de R\$ 20 provocou certo constrangimento no governo ontem, quando o dólar bateu o recorde de R\$ 2,882. Ciente do que a palavra “mico” significa em linguagem popular, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, inocentou sua equipe da paternidade da idéia.

“Quero acentuar que essa escolha não foi do ministro da Fazenda, do Banco Central nem da chamada equipe econômica. A escolha foi feita a partir de uma consulta popular.” A consulta foi sugerida ao BC pela WWF, organização não-governamental dedicada à preservação do meio ambiente.

Durante o lançamento da nota, o presidente Fernando Henrique Cardoso assinou o documento que prevê a criação da Área de Proteção Ambiental da Bacia do Rio São João, que engloba seis municípios do Rio de Janeiro e será a base para os trabalhos de preservação dos mico-leões dourados.

Fernando Henrique enfatizou o “processo democrático” de escolha da ilustração e lembrou que, no início do Plano Real, as figuras impressas eram de peixes porque já estavam prontas na gráfica da Casa da Moeda. Segundo ele, o então presidente, Itamar Franco, disse não gostar de um dos animais porque não trazia boa sorte para ele. “Eu respondi: o que temos aqui é isso. Eu não tenho essas superstições”, relatou Fernando Henrique, que era o ministro da Fazenda de Itamar.

A impressão da nova nota, segundo Malan, segue novos métodos de segurança. A cédula é cortada, por exemplo, por uma faixa holográfica. O ministro ressaltou que a preocupação com a possibilidade de falsificação das notas brasileiras tornou-se mais acentuada nos últimos anos, com o controle da inflação. “Com uma inflação a 30% ou 40% ao mês, não havia estímulo à falsificação. Hoje, essa preocupação existe.”

No final da cerimônia, o presidente recebeu do ministro da Fazenda duas notas novas, uma de R\$ 20 e outra de R\$ 2, cujos números de registro são 010794 – uma alusão a 1.º de junho de 1994, a data de lançamento do Plano Real. Cobrado em público, o presidente preferiu dar o calote no seu ministro. “O senhor me deve R\$ 22”, disse Malan. “Eu devo, mas não vou pagar. Será que a comissão de ética permite?” (D.C.M.)